

Rose Hardt

MARÉS DA VIDA

Rose Hardt

MARÉS DA VIDA

Romance



Título original em alemão: *Lebenszeiten* (ISBN 978-3-899-50646-4)

Copyright © by Rose Hardt

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121

São Paulo, SP



Editor e Publisher Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi
Tradução do original em alemão Paola Schmid
Revisão de Texto Cátia de Almeida
Edição de Arte Jeff Silva
Capa intervenção artística de Jeff Silva sobre foto de
© Fred Froese/ iStockphoto

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hardt, Rose

Marés da vida : romance / Rose Hardt ; [tradução do original em alemão Paola Schmid].
-- São Paulo: Editora Europa, 2012

Título original: *Lebenszeiten*.
ISBN 978-85-7960-147-7

1. Ficção alemã I. Título.

12-09687

CDD-833

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura alemã 833

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Livrarias Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europanet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este livro foi produzido com papel proveniente de fontes renováveis

*“Não há coisa alguma que
persista em todo o Universo.
Tudo flui, e tudo só apresenta
uma imagem passageira.”
(Ovídio)*

Sumário



Capítulo 1	11
Capítulo 2	17
Capítulo 3	25
Capítulo 4	33
Capítulo 5	37
Capítulo 6	45
Capítulo 7	53
Capítulo 8	59
Capítulo 9	65
Capítulo 10	77
Capítulo 11	83
Capítulo 12	89
Capítulo 13	99
Capítulo 14	107
Capítulo 15	113
Capítulo 16	127
Capítulo 17	133
Capítulo 18	137
Capítulo 19	147
Capítulo 20	153
Capítulo 21	161
Capítulo 22	171
Capítulo 23	175
Capítulo 24	179
Capítulo 25	183
Capítulo 26	193
Capítulo 27	199
Capítulo 28	207
Capítulo 29	215
Capítulo 30	221

MARÉS DA VIDA

CAPÍTULO 1



A ideia de estar presa acima das nuvens naquela máquina deixava Corina angustiada. Durante o voo para Jersey, ela triturava amendoins para despistar o receio, enquanto procurava dividir seus pensamentos entre a chegada ao aeroporto e a expectativa de reencontrar seu passado.

Sorrindo, numa felicidade antecipada, lembrava os bons momentos que passara lá, nos verões da sua infância e adolescência. De alguma forma, os amendoins funcionavam como passatempo. Recostou-se melhor na poltrona e olhou pela pequena janela para o imenso azul do céu. Não, ela olhou para a infinitude do universo, para uma cor pura e clara que naquela intensidade nunca poderia ser vista da terra. No meio daquela irrealidade estava o sol, como um desafio resplandecente, uma bola de fogo que ela queria ver e apreciar. Suas pálpebras, contudo, se fechavam diante de tanto brilho. Aquele espetáculo dissipava não só os seus temores, como também os seus problemas. Sentiu certa leveza no coração, como se estivesse pairando no ar. Uma sensação gostosa invadiu seu corpo e um suspiro, bem baixinho, escapou-lhe dos lábios.

Pensou nos últimos meses de sua vida. Em como tinha se apegado ao trabalho depois do divórcio. Em como tinha assumi-

do quaisquer tarefas somente para afastar as oportunidades de reflexão. E em como, pouco a pouco, sua escrivanhinha lotada tinha se tornado o bálsamo para o seu sofrimento. Houve um momento em que ela não agia, apenas reagia. Já não conseguia dirigir a vida. A vida a conduzia. Só muito tempo mais tarde, dera-se conta de que ser funcionária exemplar e altruísta podia muito bem preencher os vazios da existência, mas não a fazia feliz. Os primeiros sintomas não tardaram a aparecer. Qualquer tolice a deixava nervosa. Passou a mostrar um lado de si que nem ela mesma aceitava. Parecia-se a um fio desencapado, pronta a dar choques. Para ser honesta, era forçoso admitir: tinha chegado ao limite. A consulta à médica, embora frustrante, tinha lhe aberto os olhos. Com uma expressão inquietante, a médica havia dito que, se continuasse naquele ritmo, em breve iria enfrentar sérios problemas de saúde. Em outras palavras, seu corpo já emitia um sinal de alarme que, se desprezado, soaria cada vez mais alto. Um diagnóstico que disparou um gatilho em sua maneira de encarar o mundo. Diante de tais circunstâncias, resolvera tirar as férias acumuladas. Decisão perfeita, pensou agora, e assim recostou a cabeça para o lado no assento e sentiu-se aliviada em poder dar início a uma nova fase.

Para não falar que, aos 50 anos, era bem chegado o tempo de fazer um balanço da própria vida. E qual lugar poderia ser melhor que Jersey, a ilha onde Corina passara verões maravilhosos? O lugar no qual tinha se apaixonado pela primeira vez? Naquela época, contudo, sua mãe dissera que só as pessoas maduras, com personalidade já formada, saberiam viver um grande amor. E assim lhe foi cortada aquela felicidade juvenil. Ainda agora, cada vez que se lembrava daquela separação, sentia o coração apertar. Surgiu em suas lembranças a orquídea, que encontrara uma manhã à porta, sem cartão, sem qualquer referência do remetente.

— Aperte o cinto de segurança — disse uma voz ao seu lado, ao mesmo tempo que ela sentiu, no braço, uma leve cotovelada de seu vizinho de poltrona.

No mesmo instante percebeu o que estava acontecendo. Encontravam-se em meio a turbulências, e a visão da janela era totalmente diferente de minutos atrás. O azul do céu já não brilhava lá fora e tinham mergulhado em uma formação de nuvens densas, com aparência perturbadora. O avião parecia estar lutando contra as forças da natureza. Aquela máquina, tão moderna e avançada, gemia e roncava de maneira amedrontadora. As luzes da cabine tremulavam. Crianças começaram a chorar. Uma agitação se disseminou entre os passageiros. Inconscientemente, Corina juntou as mãos e cruzou os dedos em posição de oração. Exatamente como fazia na infância, quando uma aeronave ia decolar e, de tão inclinada, ela temia que se partisse ao meio.

— Aqui fala o capitão — ouviu pelo alto-falante. — Não há motivo para pânico. Está tudo sob controle. Estamos atravessando uma zona de turbulência, e em vias de começar os preparativos para aterrissagem em Jersey. A tempestade pode ser observada logo abaixo, olhando-se à esquerda.

As palavras soavam corajosas, serenas, mas com uma ponta de ironia. Era quase possível acreditar que o capitão sentia certo prazer em amedrontar. Não. Com certeza, pilotos eram treinados para acalmar os passageiros em caso de catástrofe iminente.

Toda a sua vida estava por um fio que pendia do céu, e ela só podia rogar a Deus para que, com Suas mãos, levasse o avião até o solo. Maus presságios a fizeram estremecer. O que aconteceria se o avião despencasse no mar? Quais seriam seus últimos pensamentos? O aparelho explodiria com o impacto? Ela morreria carbonizada ou afogada? Talvez das duas maneiras. Primeiro, as chamas envolveriam seu corpo, depois a água do mar apagaria as chamas e só então ela se afogaria. Realmente, pensamentos nada agradáveis. Sentiu uma mão gelada sobre a sua e, espantada, olhou para seu vizinho de poltrona.

— Não tenha medo — tentou confortá-la, embora ele próprio estivesse suando em bicas. — Isso logo passa.

Um leve aroma de desodorante e suor a envolveu. Essa mistura de odores, associada ao medo, fez seu estômago revirar-se e sentiu ânsia de vômito. Impossibilitada de responder, virou-se para o lado da janela. Relâmpagos ofuscantes clareavam as nuvens escuras. Raios riscavam o céu.

Oh, meu Deus, não quero morrer agora! Agora não, rogava silenciosamente. Acabo de completar 50 anos e estou decidida a colocar minha vida novamente nos trilhos.

Uma vez mais o avião balançou furiosamente e rangeu, levando-a a pegar o saco de enjoo, o que fez o vizinho se afastar.

Corina fechou os olhos e tentou se distrair, mergulhando em seu passado, para lembrar-se de coisas boas que lhe tinham acontecido nas Ilhas Jersey. Por um momento reviu a casa da tia Chloé, mas justo quando a estava imaginado em detalhes, a aeronave foi sacudida como por um gigante e caiu num vácuo de altitude. Em duas levadas consecutivas, o conteúdo do estômago de Corina foi parar no saco de vômito. Súbito, tudo passou, a tempestade ficou para trás. Como por milagre, a náusea desapareceu.

— Senhoras e senhores — voltou a ouvir pelo alto-falante. — Superamos a área de turbulência e já podemos pousar sem receio em nosso destino.

Curioso. A voz do capitão agora soava diferente. Como se aliviada. Decerto, ele também estivera bastante apreensivo, tendo sob sua responsabilidade controlar aquela imensa máquina voadora em meio à tempestade. Uma comissária, cuja face ainda refletia os recentes momentos de pânico, ofereceu-lhe um copo d'água com mãos ligeiramente trêmulas.

— Está tudo bem? — perguntou com um sorriso amarelo.

Bastante constrangida com o que acabara de lhe acontecer, Corina agradeceu e entregou o saco de enjoo à aeromoça, que o levou segurando com as pontas dos dedos.

— Agora, as férias só podem melhorar — disse o homem ao lado, que acabava de enxugar o suor da testa. Ele também pa-

recia aliviado com o fim da tempestade, o que o animou a iniciar conversa. — Embora, na verdade, não sejam dias de férias para mim. Prometi resolver algumas pendências jurídicas para um velho amigo. Por isso, vou me hospedar de graça. E já que estou buscando novos desafios profissionais, pensei comigo: por que não Jersey? Com certeza, entre um compromisso e outro, também sobrá algum tempo para conhecer a ilha. — Deu uma breve risada, balançando a cabeça. — Sabe, no ofício de tabelião e advogado, às vezes a gente se depara com as coisas mais absurdas. Um antigo colega de faculdade me contou uma história familiar inacreditável. Imagina só! De um dia para o outro, ele perdeu o irmão, mas virou pai. Não é incrível?

Corina não respondeu. Ao contrário. Olhou para o vizinho com ar de surpresa. Não conseguia compreender como uma pessoa podia estabelecer uma relação assim, de tanta confiança, com uma estranha. Vai ver, o homem estava tão aliviado com o fim das turbulências que se sentia repentinamente inclinado a confidências, em virtude da experiência pela qual haviam passado juntos. De todo modo, o sujeito deve ter interpretado corretamente a expressão dela e logo reprimiu a disposição para continuar a conversa.

Corina virou-se para a janela e ficou pensando sobre o que ele tinha dito: perder o irmão, mas virar pai! Como seria isso? Pensativa, pôde divisar alguns pequenos barcos brancos navegando lá embaixo. Em breve pousariam e ela sentia estar em estado lastimável. Ocorreu-lhe que, com certeza, deveria estar com uma aparência horrível. De forma alguma queria descer do avião naquele estado e, muito menos, encarar assim suas lembranças da infância. Não. No mínimo, precisava passar um batom nos lábios e pentear os cabelos. Mas onde estaria sua bolsa? Não custou a localizar. Tinha sido arremessada para baixo da poltrona da frente. Tentou fisgá-la com o pé direito. Como não foi bem-sucedida, teve de desatar o cinto de segurança para alcançá-la.

Acabou se roçando várias vezes no joelho do vizinho, o que o levou a esboçar um sorriso. Ah, como ela odiava aqueles espaços tão apertados nos aviões! Quando finalmente conseguiu pegar a bolsa, voltou-se rapidamente para o homem e desculpou-se pelo incômodo. Ele anuiu com um gesto de cabeça e sorriu levemente. Havia algo de familiar naquele sorriso. Por um momento, Corina pensou se não se conheciam. Como ele se dizia advogado, talvez fosse cliente ou amigo do chefe dela, e a tivesse visto alguma vez no escritório. Pensamentos que tratou de esquecer, assim que começou a se olhar no espelho do estojo de maquiagem. A visão que teve de seu reflexo era mais do que frustrante. Foi quase brutal. Resquícios de medo ainda se refletiam em seus olhos. Apesar da base, sua pele estava pálida e o batom, borrado. O que fazer? Levantar-se e ir ao toalete estava fora de cogitação. O jeito era não observar tanto os detalhes. Dar alguns retoques na maquiagem, sorrir de maneira confiante, respirar fundo e relaxar durante o resto do voo.